

## Comunicação não-verbal e libras<sup>1</sup>

Frankson de Farias<sup>2</sup>

Helenne Shroeder Sanderson<sup>3</sup>

Vanessa Porto<sup>4</sup>

### Resumo

Para se inserir numa cultura, o homem naturalmente se comunica com seus semelhantes. Quando se nasce surdo, as chances dessa pessoa conseguir se comunicar com sucesso com a sociedade ouvinte que a circunda é notavelmente menor, pelo menos no momento atual. Mas é extremamente importante para o surdo, assim como para todas as outras pessoas que vivem em sociedade, conseguir interagir com seus semelhantes, seja dentro de casa, na escola, ou até mesmo ao encontrar pessoas de outros países. Queremos discutir como uma pessoa surda poderia iniciar uma aproximação com uma outra pessoa, ouvinte ou surda, que vem de uma outra cultura; ou como um ouvinte poderia começar a conhecer a cultura surda sem saber previamente a língua de sinais, usando somente gestos –talvez não seja tão preciso saber uma língua de sinais para conseguir conversar com um surdo. São questões desse tipo que o trabalho por nós proposto pretende debater.

Palavras-chave: surdez; comunicação visual; cultura surda; linguagem visual; comunicação não-verbal.

Libras é uma língua visual, com várias regras, como toda língua. É diferente de Linguagem Visual:, que seria composta de sinais, gestos, expressão. Linguagem Visual é parecido com Libras um pouco. Mas em Libras existe gramática – ou seja, em seu interior há regras que precisam ser respeitadas. Por exemplo: existem sinais e modos de usar esses

---

<sup>1</sup> Este artigo foi criado originalmente em Libras; precisou ser adaptado para o Português escrito. Por isso, o texto procurou manter o ritmo de seu formato de concepção: uma linguagem fácil e clara.

<sup>2</sup> Integrante do Projeto Círculo de Cultura Surda, da Universidade de Brasília, Departamento de Processos Psicológicos Básicos. É natissurdo, ou seja, nasceu surdo.

<sup>3</sup> Integrante do Projeto Círculo de Cultura Surda, da Universidade de Brasília, Departamento de Processos Psicológicos Básicos. Graduada em Design Gráfico, pela Universidade Paulista, UNIP. Ficou surda aos 2 anos de idade.

<sup>4</sup> Integrante do Projeto Círculo de Cultura Surda, da Universidade de Brasília, Departamento de Processos Psicológicos Básicos. Graduada em Desenho Industrial pela Universidade de Brasília. É ouvinte.

sinais que todas as pessoas que usam a libras pelo Brasil afora conhecem, como por exemplos os sinais de “mãe”, “pai”, “filho”, “grávida”. entre outros.

Mas o que é Linguagem Visual? Seria, por exemplo, fazer gestuais não convencionados pela Libras<sup>5</sup>, ou por qualquer língua de sinais, mas que em usos cotidianos as pessoas, de um modo geral, compreender: “bebê” (gestual balançando os braços, como se carregasse um bebê no colo) ou , “grávida” (desenhar uma barriga proeminente, como se estivesse gestante). É diferente de língua, percebem?

Vamos esquecer as regras. Porque as regras em Libras são feitas para, por exemplo, quando duas pessoas surdas se encontram, ou quando um surdo está junto de um ouvinte intérprete, ou de um ouvinte que já sabe Libras. Nesses contextos usam-se sinais já preestabelecidos. Vamos pensar num outro contexto: se, por exemplo, o surdo encontra um ouvinte que não conhece libras. Como vai se dar essa comunicação? Precisa obrigar o surdo a ler lábios e a ser oralizado? Em nossa opinião, não. Precisa é que a comunicação seja pautada em mostrar gestuais corporais. Por exemplo: se um surdo (ou até mesmo um ouvinte) encontra uma pessoa de outro país, é possível fazer uso de gestuais simples que as pessoas entendem. Se, por exemplo, eu quero falar que preciso de um hotel, posso fazer gestos que remetam a “eu”, “casa”, “dormir”, e no fim uma expressão de indagação. Existe um sinal certo para “hotel” em Libras, mas a outra pessoa pode perceber os gestuais e compreender que eu preciso de um lugar para dormir.

É aqui que podemos inserir o conceito de semiótica, e que tem muita relação com a linguagem visual. Semiótica é um conceito usado para as percepções que temos das coisas ao nosso redor; podemos olhar para o mundo e sentir coisas, perceber seus significados. Por exemplo: se uma pessoa chega, precisando de um hotel, e faz um gestual com as mãos, parecendo o contorno de uma casa – como se desenhasse seu telhado. Por que as pessoas entendem? Porque já percebemos como são as casas: já vimos muitas casas, e todas tem algo de muito semelhante: o desenho de seus telhados. Então, se uma pessoa faz esse gestual de “casa”, parece que ela está te dando o significado inerente àquilo. Parece que há

---

<sup>5</sup> Língua Brasileira de Sinais.

uma tradução dentro da gente, avisando que aquilo é “casa”. Isso é algo acumulado com a experiência (vivência) da pessoa, com o contexto dela. É como se fosse algo que veio lá de trás, junto com as tradições que carregamos e que nos são transmitidas pelo convívio em sociedade. O signo nos dá o significado. Assim, conseguimos entender claro o que a pessoa quer dizer ao fazer o gestual “casa”. As pessoas ao verem esse gestual simples de “casa”, entendem o seu significado. Por isso a semiótica é importante na comunicação em Linguagem Visual.

Também há outro conceito importante que queremos explorar aqui: cognitivo. Compreendemos aqui “cognitivo” como algo composto por duas metades indissociáveis: é impossível entender uma metade sem entender a outra. Uma metade é o sentimento, o sentir; a outra é a mente. As duas partes estão conectados, e em interação constante. Assim, vamos construir um exemplo em que há duas pessoas numa sala. Uma delas parece estar angustiada com alguma coisa. Percebam, é um tipo de sentimento o que chamamos de “angústia”; essa pessoa está experimentando esse sentimento de fato, mas ela precisa avisar as outras pessoas para que ela possa ser compreendida como alguém que está angustiada. É como se precisasse traduzir o sentimento que há dentro de nós para as outras pessoas. Trocando em miúdos, é como se a mente percebesse o significado daquele sentimento: “isso é tristeza”, ou “isso é angústia”, “chateação”, “mágoa”... quando a mente encontra o nome certo do sentimento, é que conseguimos avisar para as outras pessoas: “estou magoada”. É uma tradução. Assim, mente e sentimentos agem juntas, formando o que chamamos aqui de cognitivo.

Mas a mente também pode inventar sentimentos. Por exemplo, se estou magoada e uma pessoa chega e me pergunta “o que foi? Você está chateada?”, as vezes eu posso não querer falar.

A mente simplesmente diz outra coisa, inventa; pode dizer coisas totalmente diferentes do que realmente estou sentindo: “não, estou só admirada com uma coisa.” Parece até que a mente apaga o que se sente, finge que aquilo não existe. Mas a parte correspondente ao sentimento muitas vezes se comunica sozinha... voltaremos a esse assunto mais à frente. Podemos pensar, assim, a mente como sendo uma fábrica: ela

percebe o que sentimos e traduz, traduz, traduz. Mas a base disso, o peso disso é o que sentimos.

Há um livro chamado “O corpo fala<sup>6</sup>”, no qual em seu conteúdo os autores relatam as descobertas e pesquisas de um filósofo de nome Charles Pierce. Charles realizou várias pesquisas relacionadas à semiótica, e conseguiu relacionar várias percepções do mundo. Assim, Charles simbolizou muitas de suas descobertas a respeito do corpo e de suas expressões e percepções com a figura do khorsabad. Essa figura é formada por três forças animais. É muito interessante. A primeira é a parte que corresponde ao Boi. Essa parte é responsável por aqueles desejos e vontades mais íntimas. O Boi corresponde às pernas da pessoa, pois quando esta sente vontade ou desejo de algo, parece que as pernas ficam mais agitadas e inquietas. Por exemplo, quando uma mulher bonita passa, e outra pessoa olha demonstrando atração sexual. É a parte do Boi agindo: é como se mostrasse um desejo totalmente genuíno. A segunda parte é o Leão: ele é o centro das emoções da pessoa: o que ela é, quais são seus sentimentos. O Leão corresponde ao peito. Assim, temos, por exemplo, se chega uma pessoa de peito estufado, isso denota orgulho. Se eu curvo os ombros para frente e olho para baixo, isso significa que sou humilde. Voltando ao exemplo da mulher bonita: essa mulher pode passar balançando os ombros, indicando que ela sabe que é bonita e quer chamar a atenção. Se isso me impacta de alguma forma, meu peito se abre. É a parte, enfim, que mostra as emoções da pessoa. E, por fim, a terceira parte é a Águia. É como se a Águia vigiasse as outras partes, ou como se as conectasse. A Águia corresponde à mente, que pode aceitar ou não o que as outras partes indicam. Usando mais uma vez o exemplo da mulher bonita, a pessoa que a olha pode ter desejo por essa mulher, mas mente tem que aceitar o desejo e decidir ir conversar com a mulher. Ou a mente pode simplesmente examinar e achar que não é uma boa ideia. É a mente, no sentido de razão, controlando as vontades do corpo.

---

<sup>6</sup> Weil, Pierre; Tompakow, Roland. O Corpo Fala – A Linguagem Silenciosa da Comunicação Não-verbal. Petrópolis, Rj: Vozes Editora, 1986.

Então temos aqui três partes: cabeça (águia), peito (leão) e pernas (boi). Todas elas estão conectadas e interagindo. Elas, juntas, tem a capacidade de comunicar às outras pessoas sentimentos, de forma espontânea. De forma controlada e bem explorada, podem servir a uma comunicação em Linguagem Visual, fácil de ser compreendida e usada por todas as pessoas. Por exemplo: se eu colocar as mãos na cintura e fizer uma determinada expressão, a outra pessoa entenderá que eu não estou acreditando no que ela está me contando. Se eu sentar de pernas e braços abertos, posso parecer mais receptivo; se eu cruzar os braços e franzir os lábios, pode parecer que ou não confio, ou não quero fazer uma determinada coisa. Se eu mexer no nariz com uma determinada expressão, pode demonstrar que estou em dúvida, ou que estou mentindo. Se eu coçar a parte de trás do pescoço e olhar o relógio, expressa que eu não tenho paciência. Se uma pessoa olha uma coisa de cima a baixo, significa interesse. Coçar o queixo pode significar dúvida ou que a pessoa está pensando sobre. Roer as unhas pode ser sinal de medo, ou insegurança.

Assim podemos perceber o que cada pessoa sente: é uma linguagem visual espontânea. Então, é isso o que significa dizer que o corpo fala: ele próprio se comunica com o mundo externo.

Retomando a comunicação no contexto surdo, não seria preciso que as pessoas soubessem previamente o Gestuno<sup>7</sup>, por exemplo, pois aí seria um contexto de comunicação próprio de surdos que sabem os sinais convencionados por essa língua. Vamos tomar como exemplo um caso hipotético de um surdo que viaja para o exterior sozinho: este surdo conseguiria se comunicar com outras pessoas, ouvintes ou surdas, lançando mão de gestuais simples, como “casa”, “dormir”, “fome”, “comida”, gestos de afirmação ou de negação, “carro”, “avião”... Weil, Pierre; Tompakow, Roland.

7 Língua universal de sinais. Pode ser comparada ao Esperanto, no mundo ouvinte.

Nomes poderiam ser desenhados no ar, em letras garrafais, ou escritos numa folha de papel, por exemplo. Em Libras e em outras línguas de sinais, existe um alfabeto preestabelecido a ser digitado com as mãos, mas isso pode causar um entrave na

---

<sup>7</sup> Língua universal de sinais. Pode ser comparada ao Esperanto, no mundo ouvinte.

comunicação se a outra pessoa não souber as letras. Desenhar no ar talvez possa ser uma saída mais acessível. Não precisa seguir as regras certinhas do alfabeto, porque isso é Libras, ou outra língua de sinais, como o Gestuno, que tem gramática própria e regras próprias. Também vamos esquecer o uso da oralização<sup>8</sup>. Não precisa disso, a comunicação pode ser livre. Se vier ao Brasil, por exemplo, uma pessoa que só fala inglês, e encontra uma segunda pessoa na rua que só fala português, como se daria essa comunicação? Se uma delas for surda, precisa libras? Não. Precisa oral? Não. Basta mostrar através do corpo, deixar o corpo falar: fazer gestos que denotem as ideias de “beber” “junto” “vamos”, por exemplo. Fica mais fácil da pessoa entender que você está chamando-a para beber alguma coisa junto. Basta interagir. É uma Linguagem Visual que se cria ali, naquele instante, e que pode ser atualizado em todo momento, por todas as pessoas. Não tem regras a serem seguidas. Assim, não é necessário aprender previamente várias línguas para conseguir se comunicar com pessoas de outros países. É possível usar livremente as mãos, as expressões faciais, os gestuais do corpo. O corpo pode falar.

Isso não é válido apenas nas relações surdo-surdo, ouvinte/intérprete-surdo. Não. Por exemplo, se um surdo brasileiro encontra um surdo chinês, como eles se comunicam? É possível, sim! Se o surdo brasileiro fizer o sinal correto estabelecido em Libras para “hotel”, o surdo chinês não vai entender, porque ele não conhece o sinal que a Libras convencionou para “hotel”. Então o surdo brasileiro pode usar apenas gestuais e expressões: “casa”, “dormir”, “onde” “?”. O surdo chinês, ao entender, pode ensinar o sinal que a língua chinesa de sinais convencionou para “hotel”. Assim o surdo brasileiro pode aprender um novo sinal, aprender uma nova língua de sinais – a língua própria do surdo chinês. Eles poderão trocar experiências, sinais, cada um percebendo o corpo do outro.

A Linguagem Visual poderia ser entendida como uma “pré-língua”, algo que viria antes da Língua. Se bem explorada, acreditamos que uma pessoa consegue rapidamente interagir com outra, independente de sua língua original. Aqui queremos mostrar a

---

<sup>8</sup> Há muitos surdos, no Brasil e em outros países, que são oralizados por influência da família. Não cabe a esse texto discutir a oralização em surdos, mas podemos apenas dizer que é um processo que traz sofrimento ao surdo, levando-se em conta que a língua materna dos surdos é a Libras (no contexto brasileiro), e não o Português.

importância do uso da Linguagem Visual numa interação com pessoas surdas, ou entre pessoas surdas, mas não se exclui a possibilidade de duas pessoas ouvintes, falantes de línguas diferentes, lançarem mão de seu uso. Através da Linguagem Visual acreditamos ser possível a aquisição de novas línguas –inclusive ouvintes podem aprender Libras e interagir com surdos, e vice-versa.

Há muitos surdos, no Brasil e em outros países, que são oralizados por influência da família. Não cabe a esse texto discutir a oralização em surdos, mas podemos apenas dizer que é um processo que traz sofrimento ao surdo, levando-se em conta que a língua materna dos surdos é a Libras (no contexto brasileiro), e não o Português.